

7

INSTRUÇÕES NA VISÃO MAHAYANA QUE CLARIFICA AS DUAS VERDADES

por

Patrul Rinpoche

Este é um dos quatro textos neste volume escrito por Patrul Rinpoche. Ainda que tenha sido famoso como um estudioso no fim do século passado e tenha sido bastante demandado nos grandes mosteiros nyingma, ele sempre estava viajando como um monge ordinário e peregrino. Quando lhe era oferecido um quarto e comida pela estadia de uma noite, ele retribuía a hospitalidade oferecendo a família um simples ensinamento do darma que enfatizava a essência da doutrina. Estes ensinamentos curtos se tornaram muito populares porque foram dados em uma linguagem fácil, frequentemente em um dialeto nômade, e endereçada ao leitor, não importa o quão iletrado, com respeito.

Este texto lida com uma das grandes questões do darma: qual é a relação entre o relativo e o absoluto, entre o samsara e o nirvana? Na visão hinayana, eles são vistos como oposições diretas com o mínimo de contato: você pode sair pela porta da iluminação, mas não pode voltar. Na visão mahayana há uma exploração do continuum existente entre os infernos mais inferiores e a budeidade mais elevada. O relativo é visto como contido dentro do absoluto, e o absoluto permeando o relativo. Contudo, as obscuridades que ocultam a natureza absoluta são, geralmente, vistas como tendo que ser descartadas antes que a realização possa acontecer. Isto é significamente diferente da visão dzogchen, onde a partir da base da introdução direta o praticante pode, gradualmente, liberar as obscuridades dentro da condição natural.

Ainda que Patrul Rinpoche use a estrutura mahayana do madhyamika, seu ponto de vista é o dzogchen. Por isso, ele afirma: "Acreditar que o mundo ordinário e seus habitantes são reais é um relativo falso. O antídoto para isto é meditar em suas transformações em deidades puras e mandalas, e isto é o relativo puro." Incluir o caminho tântrico da transformação no 'puro relativo' é, certamente, próximo a visão dzogchen de que caminhos envolvendo esforço e

transformação não são o caminho natural¹.

Seu foco é na primazia da auto-compreensão e ele dá uma rasteira nos estudiosos que não apliquem seus aprendizados a si mesmos. “Se você mantém os fenômenos como seu objeto de conhecimento e não aplica os antídotos para as aflições, então sua experiência será fonte de orgulho e anseio.”

O estilo de Patrul Rinpoche neste texto é escolástico e ele faz uso de citações para ilustrar seus pontos. Mas seu foco é fazer com o que o leitor caminhe na direção da prática, mostrando que não é apenas uma questão de discutir a teoria que existe em relação a si mesmo, mas de adotar e integrar uma visão que se torna a si mesmo. E ele ilustra o propósito do aprendizado e da visão nyingma do dzogchen muito claramente, quando aponta: “Ainda que as mentes confusas dos seres sencientes sejam clareza e vacuidade, elas não a reconhecem. Por repousar na clareza e na vacuidade da lucidez, a inseparabilidade das duas verdades é atualizada. Ainda que as duas verdades sejam, verdadeiramente, inseparáveis, você precisa confiar no conhecimento convencional das duas verdades como separadas para ganhar o despertar – e é por esta razão que elas são distinguidas.”

O entendimento das duas verdades é muito útil para o praticante dzogchen uma vez que o apoio a remover a culpa, a tristeza, a raiva e o senso de falha que podem surgir quando o estado de presença é perdido. Com a compreensão do fio inquebrantável da continuidade que conecta o samsara ao nirvana – um tema maior em todos os tantras – quando a experiência da integração passa, devido ao envolvimento com o conteúdo da lucidez, há mais rotas de retorno de volta à integração. Enquanto houver um senso de ter se perdido, de ter feito um erro, os julgamentos habituais tem um caminho até nós e o ciclo de comparação, recriminação e todas as atitudes familiares duas recomeçam. Por isso, a visão atua como uma rede segura para manter a queda da presença na abertura uma experiência curta de modo que o reingresso através do relaxamento é rapidamente revelado. Isto prepara o caminho para o objetivo último, a doação da base imutável, que é a integração sem esforço do equilíbrio meditativo (mNyam-bZhag) e a experiência subsequente (rJes-Thob).

O TEXTO

Para estes que desejam a liberação existem os darmas de realização e os darmas de prática.

OS DARMAS DA REALIZAÇÃO

No que diz respeito aos darmas de realização, há dois aspectos. O primeiro toma como objeto

¹ A transformação tântrica com esforço pertence aos estilos de prática da Krya e Mahayoga, onde, gradualmente, construímos a visualização. Já sem esforço é a visualização instantânea, como um peixe saltando d'água, o estilo encontrado no Anu Yoga.

o entendimento 'daquilo que é' em geral (gNas-Lugs)², enquanto o segundo se dedica ao conhecimento de como verdadeiramente somos.

AQUILO QUE É EM GERAL

Aqui, há o aspecto relativo (Kun-rDzob) e o absoluto (Don-Dam)..

1. No que diz respeito ao primeiro, em geral, as aparências desde os infernos mais inferiores até as experiências pós-meditativas dos bodhisattvas do décimo nível pertencem ao relativo.

Ademais, o relativo pode ser falso ou puro. Para aqueles que não entraram no darma todas as experiências pertencem ao falso relativo. Já para os que entraram na primeira parte do primeiro estágio³ e estão começando a desenvolver a compreensão, todas as experiências pertencem ao puro relativo. Quando isto é esquecido, há apenas o falso relativo. Tendo conquistado o primeiro estágio, tudo o que aparece na mente está dentro do puro relativo. A apresentação incessante das aparências é relativa e precisa ser vista como ilusória. As

² O 'Como isto é', 'tal como é' ou 'como é' são formas de falar sobre a maneira (Lugs) de estar/repousar/permanecer (gNas). É como tudo repousa/é/permanece. Todas as aparências estão/repousam/permanecem, isto é, nós a localizamos de acordo com a nossa identificação e interpretação. Quando estamos sob o poder da ignorância, quando não estamos lúcidos da nossa própria base, experienciamos a nós mesmos e a todos os fenômenos dentro da nossa delusão ('Khrul-Lugs). Tomamo-as como estando na forma que as imaginamos estar. Ainda assim, não há realidade para a nossa delusão uma vez que desde o tempo sem princípio, tudo o que manifesta, incluindo nós mesmos, é inseparável da base pura, o não-condicionado, o 'apenas isto', livre de todo artifício e de toda elaboração. É a forma como as 'coisas' realmente são, o caminho original. Não é um caminho para um lugar uma vez que, a partir da verdade da sua atualidade, nenhum fenômeno nasceu e veio a existir dentro de uma existência inerente e, por isso, são livres de ir e vir. A atualidade não é uma condição ou estado mas é, simplesmente, como isto é. Quando se desperta para o absoluto ou infinito ou a verdade intrínseca, está-se presente com esse 'como é', não-artificial e não adulterado. Porém, sob o poder da delusão e dentro das verdades relativas puras e impuras, encontramos o 'como se fosse', o imaginado, o mundo e nós mesmos de acordo com as nossas crenças. Além disso, na verdade relativa, há a aparente barreira impenetrável de tomar o 'como se fosse' no lugar do 'como é'.

³ Os dez estágios bhumi do caminho do bodhisattva começam primeiro com o insight na vacuidade e seguem em uma direção cada vez mais profunda de apreciação precisa da sabedoria desobstruída. O Sutra Dasabhumika lista-os da seguinte forma: 1 - o Muito alegre, 2 - o Livre de Máculas, 3 - o Criador da Luz, 4 - o Intelecto Radiante; 5 - Difícil de Ser Controlado, 6 - o Manifesto, 7 - o Que Foi Longe, 8 - o Inamovível, 9 - Boa Inteligência, 10 - Nuvem do Darma. Estes dez estágios dão uma estrutura clara do caminho do Bodhisattva e apoiam os meditantes a verem que progresso estão fazendo.

aparências que ocorrem entre o primeiro e o décimo estágios são afetadas pelos hábitos sutis de ter se engajado na crença de entidades reais por muito tempo, da mesma forma que o cheiro do almíscar permanece em um recipiente vazio. Para um buda que abandonou completamente estes hábitos sutis, não há tais aparências, quaisquer que sejam elas, e ele repousa/está/permanece apenas no absoluto livre de interpretação.

Acreditar que o mundo ordinário e seus habitantes é real é um falso relativo. O antídoto para isto é meditar em sua transformação ilusória nas deidades puras e nas mandalas-palácio, e isto é o puro relativo.

2. Em segundo lugar, a essência do absoluto é o espaço que tudo abrange⁴ livre de interpretação. Ainda que seja indistinguível da essência dos dois aspectos do relativo, uma distinção é feita de acordo com a forma pela qual o absoluto é ou não compreendido. Assim, há o absoluto: da revelação natural⁵; da manifestação da atualização do absoluto⁶; da destruição de dúvidas por ouvir e refletir no darma; das experiências desenvolvidas pela yoga; da interpretação pelas pessoas ordinárias das ideias principais; e da experiência direta da lucidez pelas pessoas superiores.

Para ser mais específico, os estágios⁷ das pessoas ordinárias são aqueles em que há o apego pela aparência que é visto como sendo inerentemente real. Este é chamado de falso relativo. Ver que as aparências são ilusórias e estar sem apego em relação a elas é a experiência dos estágios superiores. Isto é chamado de puro relativo. Os budas são livres de todas as aparências reais e irreais e são sem discriminação de apego ou não-apego. Isto é conhecido como o absoluto.

Logo, primeiramente, há ambas, aparência e apego. Então, há apenas aparência sem apego. E, finalmente, há a ausência de aparência e apego. Portanto, há a falsa compreensão, a compreensão do conhecimento relativo, e a compreensão do conhecimento absoluto. Para as pessoas ordinárias, a sabedoria do conhecimento relativo é desenvolvida pelo exame

⁴ O espaço que tudo abrange é uma forma de traduzir o dharmadhatu ou Chos-dByings. É a espaciosidade infinita dentro da qual tudo ocorre, sem, verdadeiramente, ocorrer. É inseparável da base-fonte de tudo e oferece hospitalidade infinita para cada um dos surgimentos, tal como são. Neste livro, 'hospitalidade infinita' é também utilizada como uma tradução alternativa.

⁵ Como no sono profundo, no orgasmo ou na inconsciência.

⁶ Rápida maturação devido ao carma passado como com Milarepa, entre outros..

⁷ i.e. acima e incluindo o sétimo bhumi dos bodhisattvas.

deliberado. Para aqueles de capacidade superior, o entendimento é direto.

No que diz respeito ao espaço absoluto que tudo permeia, ainda que esteja além das convenções de saber e não-saber, com o intuito de compreender como isto é, utilizamos as noções de compreensão e não-compreensão.

Para realizar a inseparabilidade última das duas verdades, devemos ver que interpretar o relativo como sendo realmente existente e o absoluto como não-existente não é estar em acordo com a visão do caminho do meio (dBu-Ma). Do momento em que você tem uma fácil realização do puro relativo, você é livre de todos os limites entre ser e não-ser, permanência e impermanência e se funde com a inseparabilidade das duas verdades. Como se diz no Yum (PRAJNAPARAMITA), *“Qualquer que seja a verdade atual ou o como-isto-é do relativo, esta também é a verdade atual ou como-isto-é do absoluto.”*

Contudo, com o intuito de apoiar a compreensão, algumas vezes é útil olhar para essas duas verdades como se fossem verdadeiramente diferentes, isto é, distingui-las. Assim, a experiência da delusão é a aparência de muitas entidades reais – isto é o que é chamado de relativo. A experiência de pôr um fim à delusão é quando não há a percepção de sequer um átomo de entidades reais ou do não-ser das entidades – isto é o que é chamado de absoluto. Como diz Shantideva no capítulo 9 do *Bodhicaryavatara*,

Quando ambos existentes e não-existentes
Cessam de estar presentes a mente
Não há mais nada.
Estando livre de percepção
A mente está verdadeiramente em paz.

Em consideração à atualidade, a verdade para qual devemos despertar, o grande espaço que tudo permeia, livre de interpretação, é sem qualquer base de discriminação das duas verdades e, então, você não deveria discriminar. Ademais, a compreensão completa do Buda não distingue entre elas.

Já no que diz respeito às aparências delusivas que apresentam-se a si mesmas, não as separe em termos das duas verdades mas esteja/repouse/permaneça na inseparabilidade da aparência e vacuidade. Para despertar-se a isto ou realizá-lo, há o saber original não-dual, a compreensão do Buda. Quando você tem o conhecimento verdadeiro das duas verdades como são, separadas, elas se fundem inseparavelmente como o saber original não-dual da união, a liberação que não está/repousa/permanece em lugar algum.

COMO VERDADEIRAMENTE SOMOS

Ainda que você possa entender o ‘tal como é’ de forma geral, a situação do objeto a ser conhecido, você pode não compreender o como verdadeiramente se é na condição do sujeito conhecedor. Se você mantém os fenômenos como objeto do conhecimento e não aplica os

antídotos⁸ às aflições, então sua experiência será a fonte de orgulho e anseio. Devido a isto, a crença na sua própria existência verdadeira cresce intensamente e portanto é importante realizar como verdadeiramente se é, em sua atividade mental, em sua mente, em seu intelecto. Quem quer que seja o conhecedor do conhecimento, este deve ser diretamente despertado. Há dois aspectos a isto. Primeiro, a verdade deve ser entendida em seus dois modos e então, por último, deve-se despertar para a inseparabilidade das verdades.

- a. No que diz respeito à primeira, você deve ver que a qualidade do tal-como-é dos objetos, as aparências relativas, são sem auto-natureza inerente e são como ilusões. Do ponto de vista absoluto, eles não são nem existentes nem não-existentes, à maneira do céu. A verdade relativa é compreender o grande caminho do meio da inseparabilidade última das duas verdades, o espaço que tudo abrange livre de toda a interpretação limitante, através dos meios do intelecto ou da atividade mental. Shantideva diz: *“O absoluto não está dentro da esfera do intelecto. O intelecto deseja o relativo.”*

Assim, em relação ao entendimento intelectual que se tem, se orgulho e anseio surgirem, este é o trabalho da delusão demoníaca e devido a isto a sua compreensão se tornará falsa. *SUTRA DO REINO BÚDICO INCONCEBÍVEL* diz,

O que é chamado de ‘realização’ é instável.
O que é chamado de ‘clara realização’ é ganância;
Instabilidade e ganância são o trabalho da delusão demoníaca.
Aqueles com grande orgulho acreditam ‘Eu conquistei isto’.
O que é chamado de ‘minha clara realização’ se torna pensamentos discursivos.

A atualidade não-mediada da compreensão intelectual relativa é absoluta. Se você examinar você mesmo como a mente ou a consciência ou o intelecto que entende então você irá ver que, de forma alguma, há uma entidade substancial. Ela vem sendo vazia de princípio e de fim, de vir e ir, de permanência e impermanência, e de passado, presente e futuro, e, portanto, é chamada de atualidade absoluta. *O SUTRA SOLICITADO POR KASYAPA* diz, *“A mente não está dentro nem está fora. E não pode ser percebida como alguma coisa diferente destes.”* E *O PEDIDO DE MAITREYA* diz, *“A mente é sem forma, sem cor, e sem lugar de repouso, como o céu.”*

- b. Agora, vamos considerar a maneira na qual a qualidade daquilo-que-é ou do como-isto-é da mente está/repousa/permanece como a inseparabilidade última das duas verdades. Quando as duas verdades são aplicadas a mente única em si mesma, isto é apenas o uso de nomes e signos. Não é nada mais do que uma identificação convencional. A base, o espaço que tudo abrange, é sem mente conceitual (Sems-Med) e, por isso, as duas verdades não têm fundamentação. O resultado da compreensão do Buda é sem mente conceitual e, desse modo, as duas verdades não têm fundamento.

⁸ Isto é, precisamos ver a vacuidade das aflições e não estar sob seu poder.

Ainda que as mentes dos seres sencientes confusos seja claridade e vacuidade, eles não reconhecem isso. Por estar/repousar/permanecer na claridade e na vacuidade da lucidez, a inseparabilidade das duas verdades é realizada. Ainda que as duas verdades sejam, verdadeiramente inseparáveis, você necessita confiar no conhecimento convencional delas como separadas para ganhar o despertar – e é por esta razão que elas são distinguidas.

Nesta direção, a qualidade não-interpretativa tal-como-é do conhecimento e a qualidade não-interpretativa tal-como-é do conhecedor se fundem inseparavelmente com um só sabor. Assim, todos os fenômenos e seres são apenas vacuidade e todos os fenômenos internos e externos são livres de interpretações de ser e não-ser, permanência e esquecimento, e, portanto, são não-compostos como o céu. Ao experimentar que não há alguém que vê e nada a ser visto, nenhum pensamento e nada a ser pensado, há a clara visão e a compreensão livre de enganos.

OS DARMAS DE PRÁTICA

Há duas formas de praticar estas instruções:

i. Para aqueles que são muito inteligentes há a prática direta (Chig-Chhar), uma vez que tenham realizado a acumulação reunida de mérito e sabedoria nas vidas passadas. Estes afortunados, cujo profundo bom carma amadureceu, irão, espontaneamente, entender apenas ouvindo o ensinamento sobre as duas verdades e vão ser capazes de permanecer no estado da atualização. Além disso, na meditação, irão estar/repousar/permanecer no estado que é como um céu das duas verdades livres de interpretação no qual ambos conhecimento e conhecedor são vazios e destituídos de auto-substância. Quando meditando desta maneira, não há pensamentos ruins que precisam ser purificados nem bons pensamentos que devem servir de apoio. Maitreya disse:

Nisto, não há nada para ser limpo e
Nem uma coisa sequer a ser mantida.
Por claramente olhar para a atualidade
Quando você verdadeiramente ver,
você será completamente livre.

Ao praticar desta forma para todos os tipos de aparências, estas são destituídas de auto-existência inerente e você mantém o estado que é como um sonho da união das duas verdades. No que diz respeito aos seres sencientes que têm a natureza ilusória do sonho mas não entendem isto, com a atitude iluminada de amor e compaixão ilusórios, junte a acumulação ilusória de mérito e sabedoria para o benefício de todos os seres. Faça uma vasta aspiração para beneficiá-los.

ii. Aqueles que têm menos capacidades deveriam começar com as quatro reflexões⁹ e progredir através dos estágios da prática. Se eles não assim fizerem, eles apenas irão ganhar um entendimento geral do caminho profundo.

Todos os pensamentos e aparências, não importa como são, são relativos. Despertar para como eles verdadeiramente são é o absoluto. O intelecto que entende isto é relativo, enquanto a falta de existência inerente no intelecto é o absoluto. O som que expressa as duas verdades é relativo, enquanto a falta de auto-natureza inerente nos sons é o absoluto. A não-dualidade desses aspectos é a união das duas verdades. Assim, a natureza do conhecimento e a compreensão do Buda são além de percepção tal como a união das duas verdades. Isto é chamado 'o espaço que tudo abrange livre de interpretação'. Dentro dele não há nem seres nem fenômenos que possuem uma auto-existência inerente.

Compreender isto é a visão. Estar/permanecer/repousar neste estado é a meditação. Beneficiar compassivamente os outros com as acumulações, etc, é a conduta. Dissolver sujeito e objeto na abertura intrínseca é o resultado. O saber original equânime que tudo permeia é a qualidade. A realização do benefício automático para os seres é a atividade. Não sustente nomes e signos como tendo um sentido inerente. Saber os nomes, palavras e signos serve para demonstrar o sentido.

A mente que compreende que as aparências são sem auto-existência inerente é dita como sendo sem um si mesmo substancial, sem ser, sem personalidade, sem realizador. E aqui o que é dito como sendo sem auto-existência inerente é verdadeiramente assim. Porque não há existência verdadeira, não há também um não-ser e este chamado ser 'sem' é totalmente livre de todo 'ser' e 'não-ser'¹⁰. Isto são apenas palavras.

A consciência que tem a lucidez verdadeira do objeto não é dependente dos sentidos. Ela também não surge dos objetos. E não está/repousa/permanece no meio entre sujeito e objeto. Ela não está dentro, nem fora. Quando surge, não vem de lugar algum. Quando ela cessa, não vai para nenhum lugar. E assim é dito da consciência que o seu surgir é vazio e o seu desvanecer-se também o é. Nos sutras, é dito "*Para quem realmente vê, nenhum fenômeno, qualquer que seja, aparece.*"

Na literatura do Prajnaparamita, é dito, "*A atividade mental leva ao envolvimento nos reinos do desejo, da forma e da não-forma. Quando não há atividade mental, não há envolvimento em qualquer lugar.*" Em um sutra, é dito, "*Quando nenhuma atividade, não importa qual seja, é realizada, isto é chamado de estar em paz. (rNal-'Byor, yoga)*" Portanto, se pessoas ordinárias

⁹ Refletir na preciosa existência humana, impermanência e morte, nos sofrimentos do samsara e na natureza do carma.

¹⁰ 'Ser' e 'não ser' são apenas palavras, ambas são **sem** auto-existência inerente e este 'sem' também é vazio.

praticarem no estado de ausência de fenômeno, este é o darma supremo. Em um sutra, se diz: *“Agora, o que é um darma supremo? É a ausência da percepção do fenômeno.”* Na literatura Prajnāparamita também se diz: *“Porque o que é chamado de iluminação não pode ser percebido como iluminação por si, é apenas um nome.”*

A intrínseca ‘como-isto-é’ de todos os fenômenos é como o céu. Ver que isto nunca é um objeto da consciência nem do saber original¹¹, é a visão. Repousar/Permanecer/estar nesta maneira sem fixação, é a meditação. Então, reunir o mérito, a maneira de uma ilusão, para benefício dos seres, é a conduta. O desaparecer da noção de ilusão na espaciosidade¹² é o resultado último.

O espaço que tudo abrange livre de interpretação é além da fala, do pensamento e da expressão. É também sem um conhecedor que possa percebê-lo como um objeto de conhecimento. No que diz respeito à visão e à meditação da atualidade livre de entidades, veja e medite apenas de céu para céu¹³.

A significância natural¹⁴ (Yang-Dag Don) é além de pensamento e da experiência dual. Nem é apenas nada, portanto está além da avaliação em termos de ser e não-ser.

Quando as pessoas não se assustam pelo profundo sentido da vacuidade e repousam/permanecem/estão com ela com uma devoção alegre, isto é explicado como sendo um sinal de que possuem a boa fortuna de terem ouvido sobre ela e de que a praticaram previamente e irão, rapidamente, ganhar a iluminação.

A atualidade (Chhos-Nyid) é como o céu, a espaciosidade que é além do pensamento. Despertar para isto é o estado inexpressivo do saber original, a equanimidade intrínseca livre de atividade e de cálculo. Este é o entendimento de todos os budas dos três tempos.

O absoluto aquilo-que-é é como o filho de uma mulher estéril, não há nada de concreto, nada a ser pensado sobre, neste estado original ordinário¹⁵. Os relativos sujeito e objetos são fundidos como uma ilusão e podem ser usados sem aceitação, rejeição e desejo. Esta é a

¹¹ A qualidade de ‘como-isto-é’ de tudo não é um objeto para o pensamento dual nem para o saber não dual, portanto, não há base para a dualidade.

¹² Isto é, há apenas a espaciosidade livre da necessidade de interpretação e comentário.

¹³ O céu da presença/lucidez/saber original é aberto e vazio de fatores definidores e o céu das aparências é aberto e vazio uma vez que todas as aparências são não-nascidas. Assim, meditamos de céu para céu, sem permanecer/descansar/estar em coisa alguma.

¹⁴ Este termo indica que o sentido ou a verdade ou a qualidade de ser-como-é da mente e da experiência é natural ou não-nascido ou doado, não é estabelecido através dos conceitos.

¹⁵ N.T. ordinário no sentido de simples tal como é, não artificial ou especial.

prática do entendimento dos Budas.

Até que a sua mente ganhe o poder desta compreensão você deve evitar o apego a todas as formas de riqueza e posses. Permaneça nas montanhas como um veado selvagem e repouse no caminho sem desvio nem recuo.

No que diz respeito às situações internas e externas, sejam elas agradáveis ou desagradáveis, esteja sem felicidade ou sofrimento, desejo ou aversão. O grande amigo do caminho é ter o suporte da presença não-nascida.

A sabedoria é experienciar que a sua mente é como o céu. A compaixão é não abandonar os seres sencientes ilusórios. Ao agir de acordo com a visão, incorporando a união de sabedoria e compaixão, você rapidamente irá ganhar o grande saber original que não está/descansa/permanece em lugar nenhum.

O texto *MYANG-'DAS* diz, *“A vacuidade é não perceber a vacuidade ou a não vacuidade. A auto-expressão da vacuidade aparece a todo lugar e tendo aparecido, ela se torna vazia e assim a aparência e a vacuidade estão em união. Você apenas pode realizar isto dentro de você e em nenhum lugar mais, por isso a vacuidade é dita como sendo o reino do saber original da sua própria lucidez que vê tudo claramente.”*

Ma-Chig Lab-sGron diz, *“Se não há atividade mental, qualquer que seja ela, então a errância nunca surgirá. Destrua a percepção discriminativa!”* e ela também diz *“A mente é livre de dualidade então veja como se não houvesse nada para ver! Se você procurar muito intensamente, você não vai ver a sua própria mente. E mesmo que você procure um pouco, você não vai experimentar como a mente realmente é. Por isso, não tenha o menor sinal de um objeto real a ser buscado”¹⁶.*

O puro tal-como-é da mente é, ele mesmo, vacuidade e a claridade, o estado livre de reificação. Com o surgimento da lucidez livre de interpretação e da percepção dual, no fim da meditação, as aparências vão se manifestar à maneira da ilusão. Logo, por meses e anos, pratique o estado relaxado da claridade e da vacuidade que é a inseparabilidade ou a união do equilíbrio meditativo e sua realização subsequente.

Traduzido para o inglês por James Low e CR Lama. Revisado por James Low em novembro de 2018.

Traduzido por João Vale para o português em agosto de 2022.

¹⁶ Isto é: não há nada a ser buscado, por isso não busque ali ou aqui, descanse/esteja/permaneça na vacuidade que é livre de sujeito e objeto.